

Problemas e desafios na tradução das línguas indígenas: os  
casos das línguas Toba e Maká da região de Gran Chaco  
(Argentina e Paraguai) /

*Problems and challenges on the translation of indigenous  
languages: the cases of Gran Chaco's Toba and Maká  
(Argentina and Paraguay)<sup>1</sup>*


*Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva* \*

Maria Cândida Figueiredo Moura da Silva é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (PGET - UFSC) com bolsa Capes Excelência desde 2018/1. Mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD-UnB), graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação pela mesma universidade. Seus principais interesses de pesquisa são: Lexicografia, Terminologia, Tradução e Turismo, Tradução Funcionalista e Folclore.

 <https://orcid.org/0000-0003-1467-8384>

*Emily Arcego* \*\*

Emily Arcego é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET/UFSC) e bolsista CAPES Excelência. Mestra em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Possui Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respektivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Campus Erechim (2011). Especialização em Tradução pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2015). Possui experiência na área de Letras/ Inglês, atua principalmente nos seguintes temas: ensino de língua inglesa, tradução e revisão; Membro do grupo de pesquisa TraCEF e Pedagogia e didática da tradução e interpretação.

 <https://orcid.org/0000-0002-6215-3980>

**Recebido:** 15 set. 2019. **Aprovado:** 07 nov. 2019.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado pela primeira vez em língua espanhola por Cristina Messineo (Universidad de Buenos Aires) e por Temis Lucía Tacconi (Universidad de Buenos Aires), com o título "Problemas y desafíos de la traducción de las lenguas indígenas: los casos Toba y Maká de la región del Gran Chaco (Argentina y Paraguay)", na Revista Cuadernos de Traducción, em 2017.

\*

 [maria.fms@hotmail.com](mailto:maria.fms@hotmail.com)

\*\*

 [arcegoemily@gmail.com](mailto:arcegoemily@gmail.com)

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v9i4.1930>

**Como citar esta tradução:**

SILVA, Maria Cândida Figueiredo Moura da; ARCEGO, Emily. Problemas e desafios na tradução das línguas indígenas: os casos das línguas Toba e Maká da região de Gran Chaco (Argentina e Paraguai). *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 9, n. 4, p. 348-367, dez. 2020.

**RESUMO**

Este trabalho trata dos problemas de tradução entendidos como uma atividade translinguística e intercultural que envolve a tomada de decisões não apenas no nível linguístico (estrutural), mas também no nível comunicativo e performativo da linguagem. Com o propósito de abordar esses dois níveis, o primeiro diz respeito a duas categorias gramaticais das línguas Toba e Maká: os marcadores de posse alienável e a evidência. Uma vez que são categorias não referenciais e pragmáticas, seus significados culturais podem ser perdidos no processo de tradução. No segundo nível, selecionamos duas características da arte verbal de Toba e Maká que mostram que o discurso oral indígena tem sua própria estrutura e organização, mesmo quando pode parecer errôneo ou arriscado/aleatório. Essas características são a estrutura prosódica da língua Toba e a repetição dos conectores discursivos na narrativa de Toba e Maká. Além disso, o interesse teórico deste trabalho é refletir sobre o modelo de linguagem subjacente à descrição e à tradução linguística. Nossa análise baseia-se em um corpus de dados coletados diretamente durante os trabalhos de campo nas comunidades de Toba e Maká na região de Gran Chaco.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gran Chaco; Toba; Maká; Gramática; Arte Verbal.

## 1 Introdução

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre a tradução e o estudo das línguas indígenas da América do Sul, com referência especial às duas línguas da região do Gran Chaco: Toba (família Guaycurú) e Maká (família Mataguaya). A discussão se concentra nos problemas e desafios de tradução e interpretação que os linguistas enfrentam ao descrever e analisar uma língua de tradição oral e tipologicamente distante das línguas majoritárias mais conhecidas. Uma vez que, no caso das línguas indígenas, as gramáticas e os dicionários são escassos, incompletos e às vezes inexistentes, o registro dos dados implica sua tradução e interpretação. Nesta atividade, o linguista enfrenta múltiplos níveis de tradução: a obtenção de paradigmas gramaticais ou léxico específicos, a transcrição e representação escrita de enunciados orais, a tradução palavra por palavra, a glosa de categorias gramaticais, entre outros. Embora a tradução não seja o objetivo final, ela é uma ferramenta essencial no trabalho linguístico. Portanto, problemas de interpretação são comuns nos estágios iniciais do trabalho de campo, especialmente se o pesquisador não conhece o idioma do consultante. É neste ponto que a elicitación frequentemente destaca a dificuldade de traduzir e interpretar categorias gramaticais incomuns ou atípicas em relação às línguas mais conhecidas.



O objetivo deste trabalho é analisar alguns problemas e desafios da tradução entendida como uma atividade translinguística e intercultural que envolve a tomada de decisões não apenas no nível linguístico (estrutural e referencial), mas também no nível comunicativo e pragmático (não referencial) da linguagem. Para cobrir esses dois níveis, selecionamos, primeiramente, duas características gramaticais da língua Toba e Maká que - de uma perspectiva focada no significado referencial da linguagem - são difíceis de encontrar equivalências na tradução. Posteriormente, analisamos duas características retóricas da arte verbal associadas a gêneros discursivos específicos, isto é, a estrutura prosódica do conselho Toba e a repetição de conectores discursivos na narrativa de Toba e Maká.

Ao mesmo tempo, o interesse teórico deste artigo é refletir sobre o conceito de linguagem subjacente à atividade do linguista e do tradutor envolvido no trabalho com línguas indígenas.

A análise de dados é composta por um corpus inicialmente obtidos do trabalho de campo nas comunidades Toba e Maká.

## 2 Panorama geral sobre as línguas Toba y Maká

As línguas Toba e Maká são nativas da região de Gran Chaco, uma extensa planície florestal que cobre parte da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil<sup>2</sup>. O Toba pertence à família linguística Guaycurú (junto com Pilagá, Mocoví e Kadiwéu) e é uma das línguas da região de Gran Chaco com o maior número de falantes, aproximadamente 70.000. Atualmente, grande parte da população de Toba migrou das áreas rurais para as grandes cidades da região (Resistência, Rosário, Buenos Aires). Como consequência disso, e devido à marginalização social e econômica de seus falantes, o idioma está perdendo espaço para o espanhol: a maioria dos adultos são bilíngues, enquanto as crianças adquirem o espanhol como primeira língua e sua competência do Toba é apenas receptiva.

O Maká está incluído na família Mataguaya, à qual também pertencem as línguas Chorote, Wichí e Nivaclé. Este povo é oriundo do Chaco paraguaio, localizado na área delimitada entre os rios Confuso e Montelindo. Como consequência da Guerra do Chaco (1932-1935), os Maká foram forçados a se mudar para a cidade de Assunção, onde atualmente vivem em bairros suburbanos (Mariano Roque Alonso, Falcón e Ita Paso). Embora o número de falantes seja de apenas 2.000

---

<sup>2</sup>A região denominada Grande Chaco (do quichua *chaco*: “território de caça”) compreende a uma área de 600.000 quilômetros e está delimitada ao leste pelos rios Paraná e Paraguai, ao oeste pela Pré-Cordilheira dos Andes, ao norte pela Chiquitania e o Planalto Matogrossense e ao sul pelo Rio Salado.

peessoas, uma característica marcante do povo Maká é sua grande consciência linguística e a resistência em manter a língua nativa e a cultura. A maioria das mulheres e das crianças na idade pré-escolar são monolíngues.

Tobas e Makás são povos caçadores-coletores de tradição oral; a incorporação da escrita constitui um fenômeno recente. Embora os primeiros textos escritos estejam ligados às correntes evangelizadoras de meados do século XX, a adoção da escrita entrou em vigor nos últimos anos com a difusão de programas educacionais que incorporam o ensino de línguas vernáculas. No caso do Toba, a existência dos primeiros materiais escritos se deve ao trabalho dos missionários anglicanos que se dedicaram à tradução da Bíblia e elaboraram vocabulários bilíngues e anotações gramaticais. Existem também algumas gramáticas e estudos linguísticos mais recentes escritos por especialistas.

Quanto ao Maká, existem alguns registros escritos de sua narrativa (Braunstein, 1981; Braunstein e Gerzenstein, 1989 e Braunstein, 2008 e cartilhas escolares publicadas pelo Ministério da Educação e Cultura do Paraguai e o Instituto Linguístico de Verano (ILV). Da mesma forma, a comunicação escrita aumentou graças aos novos desenvolvimentos tecnológicos e acesso à internet, que lhes permite se comunicar - usando o alfabeto estabelecido - através de diferentes formatos, como mensagens de texto, e-mail e perfis do Facebook, entre outros (TACCONI, 2015). Finalmente, existem vocabulários do início do século (BELAIEFF, 1931, 1940; SCHMIDT, 1937) e um dicionário etnolinguístico bilíngue, elaborado por Gerzenstein (1999).

No entanto, a escrita não possui total funcionalidade comunicativa e social, e os modos de fala oral continuam sendo os meios mais importantes de comunicação e transmissão para as pessoas dos povos Toba e Maká. Ambos têm uma rica tradição oral, expressa através de diferentes estilos e gêneros de fala, que são uma parte essencial de sua cultura e vida social.

Do ponto de vista gramatical, as duas línguas são caracterizadas por apresentar complexidade morfológica, tanto em substantivos quanto em verbos. São línguas aglutinantes com tendência à polissíntese que indicam a distinção entre substantivos alienáveis e inalienáveis; no caso de inalienáveis, um prefixo possessivo que indica o proprietário é aplicado diretamente ao substantivo. Os alienáveis são caracterizados por não aceitar prefixos possessivos, com exceção de alguns domínios semânticos que permitem uma forma especial de posse através de um classificador possessivo.

A frase nominal aparece precedida por um determinante demonstrativo que indica a posição do referente (sentado, em pé e deitado), isso no caso da língua Toba. A distância relativa

(proximidade x distância do interlocutor) e evidência visual (visível e não visível) é indicada por determinantes nos dois idiomas. O significado dessas demonstrações se estende à indicação de tempo e evidência.

Em Toba, os verbos não possuem marcas gramaticais de tempo, enquanto o Maká apresenta apenas a distinção futuro/não-futuro. Os idiomas também carecem de verbos de ligação e adposições. As relações gramaticais entre o verbo e seus argumentos são codificadas por meio de índices pronominais indicando 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup> pessoa e pessoa indefinida; também são caracterizadas por serem línguas de argumento nulo, nas quais o pronome do sujeito pode ser omitido. A ordem dos constituintes da sentença é AVO para as sentenças transitivas e VS para as intransitivas.

### 3 Alguns pontos de partida. Perspectivas sobre a linguagem e a tradução

A tradição linguística ocidental foi apoiada durante todo o seu desenvolvimento no estudo da língua, um dos pólos da dicotomia saussuriana clássica. Dessa maneira, a prática linguística concebe a linguagem como um sistema de elementos abstratos, construções e regras que constituem a estrutura subjacente e invariável das emissões observáveis em uma comunidade de fala (HIMMELMANN 1998, p. 166). De acordo com essa concepção, geralmente normativa, as unidades de análise preferidas são a sentença, a palavra e o morfema, embora se analisem, também, os textos (por exemplo, mitos ou histórias tradicionais). Os signos linguísticos são concebidos como unifuncionais, de modo que o foco está no significado denotativo e na função referencial da linguagem. Alguns linguistas da documentação (WOODBURY, 2003, p. 39; FOLEY, 2003, p. 86), vão além dessa proposta e consideram que a descrição linguística não é apenas uma atividade secundária, mas uma prática altamente cultural e idealizada, na qual se filtra a própria ideologia do pesquisador. Isso faz com que grande parte dos esforços se concentrem na descrição da estrutura gramatical das línguas, na elaboração de gramáticas e dicionários descritivos e na coleta de uma alta porcentagem de textos narrativos sobre outros gêneros considerados menos “neutros” e imperceptíveis<sup>3</sup> para o pesquisador.

A partir da segunda metade do século XX, pela mão da Etnografia da Fala e da Antropologia Linguística, surge um novo interesse no uso social das línguas e sua relação com categorias sociais e culturais. O foco da atenção recai no outro extremo da dicotomia representada

---

<sup>3</sup>Como histórias engraçadas, orações, conselhos, histórias xamânicas, etc.

pela fala. A linguagem é concebida como uma forma de expressão do estilo e da subjetividade humana, que leva em conta não apenas significados denotativos, mas também o contexto cultural e elementos expressivos ou conotativos. A linguagem é definida, então, como uma atividade que dá ênfase à “performance”, atos e eventos da fala e o significado indexical das formas linguísticas, com atenção especial às práticas comunicativas e à produção oral. Levando em conta essas duas perspectivas sobre a linguagem e sua influência, tanto na descrição linguística quanto na tradução de línguas de tradição oral, as questões teóricas e empíricas que motivam nossa discussão são as seguintes:

Que abordagem teórica da linguagem está subjacente à prática linguística e quais são, portanto, as unidades preferidas de análise nas quais baseamos a descrição e tradução de línguas indígenas da tradição oral?

Qual é a abordagem mais apropriada para estudar (e traduzir) essas línguas que nos permite acessar tanto os padrões linguísticos observáveis quanto a consciência linguística que os falantes nativos têm de unidades linguísticas e gêneros de fala (HIMMELMANN, 1998)?

O que realmente se perde quando uma língua de tradição oral desaparece? E, portanto, qual perspectiva da tradução pode contribuir para sua transmissão e ensino em contextos multilíngues e multiculturais?

Embora essas perguntas não possam ser respondidas de uma vez por todas, ao longo das seções a seguir analisaremos algumas características gramaticais e aspectos relevantes da arte verbal de Toba e Maká que representam um desafio teórico e empírico ao traduzir essas línguas. Esperamos que a discussão dos dados fornecidos responda, pelo menos em parte, às perguntas acima.

## **4 Características gramaticais de Toba e Maká: Posse e evidência**

### **4.1 Marcadores de posse alienável**

Do ponto de vista gramatical, o primeiro desafio que nos é apresentado é a tradução dos marcadores possessivos que, nas línguas Toba e Maká, são obrigados a codificar a posse de nomes alienáveis, ou seja, daqueles que não envolvem uma posse ou propriedade inerente ou intrínseca. Como explicamos na introdução, ambas as línguas têm sistemas de posse que contrastam nomes alienáveis com nomes inalienáveis. Os inalienáveis pertencem basicamente

aos domínios semânticos das partes do corpo, do parentesco e de alguns objetos fabricados ou ornamentos pessoais: *i-qaik* ‘minha cabeça’, *l-kii* ‘sua alma/foto’ (Toba) ou *yi-koi* ‘minha mão’, *t-as* ‘seu filho’ (Maká).

Os substantivos que nunca exigem uma marca de posse são aqueles pertencentes ao domínio da natureza, como *’alwa* ‘mundo/terra’, *pigem* ‘céu’ (Toba) ou *utek* ‘montanha’, *junu* ‘sol’ (Maká).

No entanto, certos nomes inerentemente não possuidores podem conter o prefixo inalienável da posse, para o qual requerem um marcador especial. Existem dois tipos de marcadores no Toba e no Maká: um marcador de posse alienável e um classificador possessivo.

O marcador da posse alienável é o - n - em Toba e -**qV**<sup>4</sup> - no Maká. Ambos intervêm entre o nome e o prefixo inalienável da posse para indicar que o nome é ‘adequado para o possuidor’. Nesses idiomas, alguns nomes (“lenha”, “carro” etc.) são alienáveis, ou seja, podem ocorrer sem um prefixo de posse:

Toba

(1) *qayka ka nodec qo’epaq*

EX.NEG<sup>5</sup> DEM fogo lenha

“No hay lenha para (hacer) fuego”  
[“Não há lenha para (fazer) fogo”]<sup>6</sup>

(2) *qayka aca sanataGa naigona*

EX.NEG DEM ningún carro

“No encontramos ningún carro”  
[“Não encontramos nenhum carro”]

Maká

(3) *inka’ik-i n-e’ haq*

ser.nuevo-F DEM-F auto

“El auto es nuevo”  
[“O carro é novo”]

<sup>4</sup>V indica harmonia vocálica de acordo com a seguinte regra: / a / se a vogal temática é / a /, / o / se a vogal temática é / o / e / e / se a vogal temática é / e, i, u /.

<sup>5</sup>As abreviaturas utilizadas nas glosas são: 1, 2, 3: primeira, segunda, terceira pessoa; ADV: advérbio; AL: marcador de alienabilidade; APL: aplicativo; CLP: classificador possessivo; CON: conjunção; DEM: demonstrativo; DIR: direcional; EV: evidencial; EX.NEG: existencial negativo; EX: existencial; F: feminino; INTERJ: interjeição; M: masculino; PL: plural; POS: possessivo; SUB: subordinante.

<sup>6</sup> Por se tratar da tradução de um artigo originalmente publicado em espanhol e, cujas análises também se encontram em língua espanhola, optamos por inserir a tradução para a língua portuguesa entre colchetes de forma a manter os exemplos em seu formato original para melhor compreensão.

(4) *hats*      *ø-aman*      *n-e'*      **koyoyoy**

ADV      3-detenerse      DEM-F      carro

“El carro ya se detuvo”

[“O carro já parou”]

No entanto, eles podem ser possuídos se for adicionado o marcador de alienabilidade *-n-* (Toba) ou *-qV* (Maká):

Toba

(5) *a-layo*      *na*      *a-n-qo'ipaq*

2-recolectar      DEM      2POS-AL-leña

“Debes recolectar tu leña”

[“Deve coletar sua lenha”]

(6) *na-chañi*      *a-ñi*      *qa-n- naigona*

DEM-mismo      F-DEM      1POS.PL-AL-carro

“Éste es nuestro carro”

[“Este é o nosso carro”]

Maká

(7) *inka'ik-i*      *n-e'*      *ya-qa-haq*

ser.nuevo-F      DEM-F      1POS-AL-auto

“Mi auto es nuevo”

[“Meu carro é novo”]

(8) *h-etsin*      *n-e*      *yo- qo -koyoyoy*

1-arrastrar      DEM-F      1POS-AL-carro

“Arrastro mi carro”

[“Arrasto o meu carro”]

No caso do Maká, embora os termos da relação sanguínea sejam inalienáveis, aqueles que indicam relações finais ou distantes também são formados por esse marcador. O interessante desse processo é que esses nomes são derivados de outros que expressam relações sanguíneas ou relacionamentos mais próximos, como observado em (9) e (10), onde “sogra” deriva de “avô” e “sobrinho” de “filho”:

(9) a. *t-ewket*



3POS-abuelo

“Su abuelo”  
[“seu avô”]

b. *te-q-ewket*

3POS-AL-abuelo

“Su suegro” (lit. “su abuelo”)  
[“seu sogro” (lit. “seu avô”)]

(10)a. *t-as*

3POS-hijo

“Su hijo”  
[“seu filho”]

b. *ta-qa'-as*

3POS-AL-hijo

‘Su sobrino’ (lit. ‘su hijo’)  
[“seu sobrinho” (lit. “seu filho”)]

Tanto o marcador - *n* no Toba como - *q* no Maká não são portadores de significado referencial em si mesmos, mas fazem parte de uma construção icônica que reflete a distância conceitual entre o possuidor e o possuído em uma relação alienável de posse (MESSINEO e GERZENSTEIN, 2007; TACCONI, 2015).

Por outro lado, Toba e Maká possuem classificadores possessivos típicos das línguas indígenas da região de Gran Chaco. As construções com classificadores possessivos são formadas pela justaposição de dois nomes, um dos quais é referencial - o núcleo - e o outro - o classificador - é uma entidade não referencial que especifica a classe ou o tipo ao qual o nome pertence. Nesta construção, o classificador é aquele que sempre recebe a marca morfológica de posse.

O único tipo de classificador possessivo documentado na língua Toba é o que categoriza nomes referentes a animais que podem ser possuídos e ser domesticados:

(11) *n-wi'*      *na*                      *i-lo*                      *pioq<sup>7</sup>*

<sup>7</sup>Embora substantivos como "cachorro" ou "cavalo" sejam os mais usados com classificadores possessivos, qualquer nome de animal pode ser o possuidor por esse procedimento (MESSINEO; CÚNEO, 2011).

3-venir DEM 1POS-CLp perro

“Mi perro viene hacia aquí”  
[“Meu cachorro está vindo para cá”]

(12)*i-lew* ze *la- lo* *kaayo*  
3-morirse DEM 3POS-CLp caballo  
“Se murió su caballo”  
[“Seu cavalo morreu”]

A língua Maká apresenta, além do classificador de “animais domésticos” (13), outros dois que se referem a “plantas cultivadas” (14) e “aos animais que podem ser montados” (15):

(13)*yi-tin-ki* *ta'a'a*  
1POS-CLp-F gallina  
“Mi gallina [que es mi animal doméstico]”  
[“Minha galinha [que é meu animal doméstico]”]

(14)*y-enekju'* *peXeyek*  
1POS-CLp batata  
“Mi batata [que cultivé en mi tierra]”  
[“Minha batata [que eu cultivei em minha terra]”]

(15)*yi-wut* *tiptip*  
1POS-CLp caballo  
“Mi caballo [que usualmente monto]”  
[“Meu cavalo [que geralmente monto]”]

Embora a tradução literal dos marcadores de posse de Toba e Maká possa ser resolvida com marcadores de posse gramaticalmente equivalentes no idioma de destino, aspectos culturais e cognitivos relevantes são perdidos no processo de tradução. A tradução para o espanhol das frases possessivas *ilo pioq* (11), no Toba, e *enekju' pejeyek* (14), em Maká, não é estritamente equivalente a “meu cachorro de estimação” ou “a batata da minha propriedade”, mas os classificadores aludem à funcionalidade cultural que o animal ou o vegetal possuem. Portanto, uma tradução que considere esse aspecto deve ser “o cachorro que geralmente me ajuda nas atividades de caça” ou “a batata obtida devido ao cultivo”. O desafio se encontra, então, em transmitir a noção linguística de posse sem perder o significado cultural implícito nessas formas.

Outra categoria gramatical que representa um desafio na tradução de algumas línguas indígenas é a chamada evidencialidade, trataremos disso na próxima seção.

#### 4.2 Evidencialidade

A evidencialidade é uma categoria pragmática gramaticalizada em alguns idiomas que indica o tipo de fonte ou evidência das informações expressas na frase. Em alguns casos, as evidências compartilham propriedades semânticas com maneiras epistêmicas, no sentido em que expressam inferências e parecem implicar diferentes níveis de certeza por parte do falante (SPEAS, 2010).

No Toba existe um sufixo verbal -o' que indica que o falante não testemunhou os eventos que ele enuncia, mas recebeu as informações “por boatos”. Os seguintes exemplos ilustram seu uso. Observe o contraste entre a e b, onde a única diferença está na presença do sufixo -o' no verbo principal:

(16)a. 'aten                      wo'ó                      a-zi                      wizik-pi  
 2-cuidar                      EX                      FEM-DEM                      víbora.coral-PL  
 “¡Tené cuidado, hay víboras corales (el hablante las está viendo)!”  
 [“Tenha cuidado, existem víboras coral (o falante está as vendo)!”]

b. 'aten-o'                      wo'ó                      a-zi                      wizikpi  
 2-cuidar                      EX                      F-DEM                      víbora coral-PL  
 “¡Tené cuidado, hay víboras corales (el hablante lo sabe porque se lo dijeron, no las está viendo)!”  
 [“Tenha cuidado, existem víboras coral (o falante sabe disso porque disseram a ele, ele não as vê)!”]

(17)a. nache    na                      yaqaya                      enapek...  
 CON    DEM                      1POS-hermano                      3-decir  
 “Entonces mi hermano dijo...” (el hablante oyó a su hermano directamente)  
 [“Então meu irmão disse ...” (O falante ouviu o seu irmão diretamente)]

b. nache    so                      waGayaqalachigi                      enapek- o'                      puha  
 CON    DEM                      zorro mítico                      3-decir-EV                      INTERJ

“Y el zorro dijo: puuja” (el hablante no lo oyó personalmente, se lo dijeron)  
 [“E a raposa disse: puuja (o falante não ouviu pessoalmente, disseram a ele)”]

Esse tipo de evidencialidade está diretamente associada à narrativa mítica e seu uso indica que o falante não foi uma testemunha direta dos eventos que narra, mas os recebeu por boatos. Isso não significa que o palestrante tenha sido informado pessoalmente, mas que as informações foram recebidas a partir de uma cadeia de transmissão oral e, que a fonte das informações era um contexto diferente do atual (por exemplo, um espaço-tempo mítico).

Em Maká, há um fenômeno semelhante, embora a evidência não seja expressa através de um morfema verbal, mas através do advérbio *pa'aj* que contém o demonstrativo *pa'* (ausente, fora da vista). As narrativas míticas do Maká geralmente começam com esse advérbio, que costuma ser repetido com frequência ao longo da história. Na oração, *pa'aj* parece sempre combinado com as frases nominais precedidas pelo demonstrativo *pa'* (masculino) e *pe'* (feminino/plural), que indicam um referente não visto anteriormente pelo falante:

(19) <i>qa</i>	<i>y-ojo</i>	<i>p-a'</i>	<i>qametenax</i>	<b><i>pa'aj</i></b>
y	3-ir.adelante	DEM-M	tigre	EV
<i>in</i>	<i>i-ki-k'i</i>	<i>p-a'</i>	<i>wit'ikheyij</i>	
SUB	3-ir-APL	DEM-M	camino	

“Y primero el tigre iba por el camino (el hablante no fue testigo de lo narrado)”  
 [“E primeiro o tigre seguia pelo caminho (o falante não testemunhou o que foi narrado)”]

(18) <i>ewit'</i>	<i>p-e'</i>	<i>inanyi'</i>	<i>pa'aj</i>		
una	DEM-F	jovencita	EV		
<i>pe'</i>	<i>inanyi'</i>	<i>weknetuts</i>	<i>i-k-ii-ju'</i>	<i>p-a'</i>	<i>iweli</i>
DEM-F	jovencita	diariamente	3-ir-APL-DIR	DEM-M	agua

“Había una jovencita, esa jovencita todos los días iba por agua (el hablante no fue testigo, los sucesos pertenecen a un pasado mítico)”  
 [“Havia uma jovem, que ia todos os dias saía para pegar água (o falante não era testemunha, os eventos pertencem a um passado mítico)”]

Dado que ambas as línguas não possuem a marca gramatical do pretérito no verbo e que as evidências são encontradas principalmente em histórias míticas, a tendência é traduzir esse

advérbio como pretérito. No entanto, embora as fórmulas do tipo “há muito tempo” ou “no passado” transmitam parte do significado da evidência, essa tradução não condensa todo o significado.

Isso ocorre porque as evidências em Toba e Maká possuem diferentes níveis de interpretação. Primeiro, elas se referem efetivamente a um passado remoto, ou seja, são sinais linguísticos referenciais. Em segundo lugar, em sua plena função de evidência, eles também indicam que o falante não foi uma testemunha direta dos eventos que ele narra, mas que eles foram narrados a ele e que esses eventos ocorreram em uma dimensão espaço-temporal diferente da do presente. Finalmente, as evidências funcionam como marcadores metapragmáticos<sup>8</sup> ou índices de gênero narrativo mítico, pois são sinais que indicam ao ouvinte como as informações fornecidas pelo falante devem ser interpretadas, ou seja, fornecem o quadro de referência para o tipo de gênero que será executado; neste caso, uma história mítica, não pessoal ou do passado recente. Uma vez que essas não são categorias puramente referenciais, documentadas principalmente, nesse tipo de narrativa, alguns estudiosos as analisaram e as traduziram como marcadores temporais do passado remoto, ou seja, de uma perspectiva que concebe o signo linguístico e seu significado em apenas um nível: o referencial. Sua natureza indexical<sup>9</sup> (SILVERSTEIN, 1976; GUMPERZ, 1990) pode explicar a dificuldade que os linguistas enfrentaram ao reconhecer e traduzir corretamente essas formas. Nas seções seguintes, trataremos de alguns recursos relevantes da arte verbal de Toba e Maká que são geralmente ignorados nas traduções atuais.

## 5 Características da arte verbal Toba e Maká

Frases curtas, frases sintaticamente incompletas, fórmulas de abertura e fechamento, repetições e paralelos, bem como o uso de vocabulário figurativo e onomatopeia são algumas das características da arte verbal de Toba e Maká (BRAUNSTEIN, 2008; MESSINEO, 2004). Nas

---

<sup>8</sup>Metapragmática é uma noção formulada por Silverstein (1976) que descreve como o uso da própria linguagem se torna objeto do discurso. A sinalização metapragmática permite aos participantes inferir o que está acontecendo em uma interação. Nesse caso, a evidência indica implicitamente o tipo de evento que está acontecendo em uma interação. Veja também o termo *metacomunicação*: uma comunicação secundária sobre como uma informação deve ser interpretada. (BATESON, 1972).

<sup>9</sup>Silverstein (1976) faz a distinção entre dois modos de significado: o referencial e o indexical. O primeiro diz respeito à propriedade do signo para apontar pessoas, coisas, objetos, eventos e processos, enquanto uma correspondência é estabelecida entre o conteúdo das expressões e o estado das coisas no mundo real. O significado indexical refere-se à capacidade da linguagem de apontar algumas características do contexto, para as quais pode usar recursos morfossintáticos, além de prosódia e gestos.

seções seguintes, focaremos na estrutura prosódica do conselho Toba (*nqataGak*) e na repetição de conectores discursivos na narrativa das línguas Toba e Maká.

### 5.1 Estrutura prosódica do conselho de Toba(*nqataGak*)

A importância da prosódia na arte verbal dos povos indígenas da América é um tópico de interesse para linguistas e antropólogos (HYMES, 1980 e 1981; SHERZER, 1982; SHERZER, 1982; TEDLOCK, 1983; WOODBURY, 1985) que afirmam que essa arte verbal indígena organiza-se a partir de unidades chamadas “versos” ou “linhas” e que são, nesse sentido, uma forma de poesia. Essas unidades são portadoras de um significado essencial e permitem a interpretação do conteúdo e da função dos gêneros e estilos específicos.

Entre os Tobas, uma das ferramentas pedagógicas principais é o “conselho” (*nqataGak*) (WRIGHT, 1990; MESSINEO, 2009) através do qual crianças e jovens adquirem uma parte importante do conhecimento tradicional. É um gênero de estilo persuasivo que transmite um forte mandato cultural de maneira não coercitiva por meio de um código (HYMES, 1972) afetivo e íntimo.

Essa chave é expressa, em parte, por recursos gramaticais e lexicais específicos (termos de parentesco, vocativos, diminutivos etc.) e, fundamentalmente, uma estrutura prosódica particular que é organizada com base em uma unidade de entonação: a linha (SHERZER, 1982).

Como pode ser visto no exemplo a seguir, a linha consiste em frases curtas ou incompletas que nem sempre coincidem com uma oração. As linhas, no conselho, parecem delimitadas por pausas longas e formam uma unidade de significado em si, embora não formem uma unidade sintática. Outros recursos prosódicos expressivos do conselho são os contornos de entonação descendente no final da linha, o alongamento dos sons (representados pelos dois pontos), o volume alto da voz (indicado por letras maiúsculas) e um *tempo* lento e pausado. A combinação dessas características prosódicas imprime simultaneamente a firmeza e a afetividade que caracterizam o conselho de Toba:

(20)     —                     —  
           nayi' /                 'am    iwalole//<sup>10</sup>         Agora, (para) vos mi nietita [Agora, para (você)  
           minha netinha]

<sup>10</sup> A seguinte notação é utilizada para sinalizar as unidades dos discursos e os traços prosódicos do texto:

/ pausa breve entre os versos

// pausas longas entre os versos

# pausas longas entre as seções



<hr style="width: 10%; margin: 0 auto;"/> DE:::'EDA /	<hr style="width: 10%; margin: 0 auto;"/> YAQATAGAK/	Este es mi consejo [Este é o meu conselho]
<hr style="width: 10%; margin: 0 auto;"/> 'am /	<hr style="width: 10%; margin: 0 auto;"/> so'oqatak	# Yo te estoy aconsejando [#Eu estou lhe aconselhando]


---

'ONAGAYK/de:::'eda'adonataGak#Buenas (deben ser)tus costumbres[#Bons (devem ser) seus costumes]

Desta maneira, a estrutura prosódica de *nqataGak* codifica significados icônicos com convenções e práticas culturais que simultaneamente a transmite e a regula (WOODBURY, 1992).

Portanto, a pergunta que surge é a seguinte: Como podemos reproduzir essas alusões culturais sem perder não apenas seu significado (seu conteúdo), mas também a maneira pela qual esse conteúdo é expresso e transmitido? E aqui nos deparamos com a reflexão sobre qual modelo de linguagem está subjacente à tradução da arte verbal indígena.

## 5.2 Repetição de conectores discursivos

A estruturação da narrativa com base em repetições e paralelismos constitui outra característica marcante da arte verbal dos povos indígenas de Gran Chaco. A repetição de conectores do tipo “y” [e] ou “*entonces*” [então] no início de cada linha ou verso é central para a construção do texto e atua como um recurso eficaz para obter coesão e continuidade temática no discurso. O exemplo **Erro! Fonte de referência não encontrada**. corresponde a um texto do ciclo narrativo de Toba em *waya Gaqalachigi*, a raposa mítica, enquanto que **Erro! Fonte de referência não encontrada**. É um fragmento de uma história de Maká sobre a origem da *Chicha*, uma bebida amplamente difundida entre os povos indígenas de Gran Chaco. Observe a semelhança na estrutura das linhas e na repetição dos conectores discursivos no início de cada uma delas:

(21)

<i>ko'ollaga</i>	<i>som</i>	<i>wayagaqalachigi</i>	
Hace tiempo estaba el Super Zorro ...			
[Era uma vez uma Super Raposa...]			
<i>kewotak</i>	<i>na</i>	<i>lo'ogeso</i>	<i>hawyaq</i>

---

;, ::, :::, :::: alargamento vocálico  
 MAIÚSCULAS ênfase

iba caminando por el borde del monte...  
 [que ia caminandona beira do monte]  
*keto' ot na lo' ogeso hawyaq*  
 ...iba por el borde del monte...  
 [...ia pela beira do monte...]  
*qaq iwita aso 'epaq*  
 ...**entonces** llegó hasta un árbol...  
 [...**então** chegou a uma árvore...]  
*qaq ilošigemekaso 'epaq*  
**entonces** se subió a ese árbol...  
 [**então** subiu nesta árvore...]  
*qaq ila'a so naiknaGanaq*  
 ...**y** vió allí al caranchillo...  
 [...**e** viu ali o gavião-carijó...]  
*qaq ilašigema so naiknaGanaq*  
 ...**y**vió la caranchillo ahí arriba...  
 [...**e**viu o gavião-carijó ali em cima...]  
*qaq ikien*  
 ...**y entonces** lo saludó....  
 [...**eentão** o saudou...]

- (22) *Ewitpe' inanyi' pa'aj pe' inanyi' weknetutsikiju' pa' iweli*  
 Había una jovencita que todos los días buscaba agua.  
 [Havia uma joven que todos os dias buscava água.]  
*Yami' pe' najkakqa' t'okonij*  
 llega a un árbol y se raspa.  
 [chega até uma árvore e se arranha nela.]  
*Qayit'ijpe' inanyi' "qaiiitanjikha'ne' tewisqekjukhewete"*  
**Y** la jovencita dice: "¡Ay, ojalá este lindo fuese un hombre para casarse!".  
 [E a joven diz: "Ah, quem dera este lindo fosse um homem para me casar!"]  
*Qaket'epa'ajka' jukhewijpa'aj pe' najkak*  
 Porque los hombres hace mucho eran árboles.  
 [Porque há muito tempo os homens eram árvores.]  
*Qanajaleikipa'ajqauyetsji pe' inanyi'*  
**Entonces** anochece y entra la jovencita,  
 [**Então** anoitece e entra a jovem,]  
*qayit'ij pe' inanyi' "teqakha"*  
**entonces** la jovencita pregunta: "¿Quién sos?"  
 [**então** a jovem pregunta: "Quem é?"]  
*qayit'ijpa' jukhew "yakhaweknetutsyakhainekt'okonijiyij"*  
**Entonces** el hombre dice: "Yo soy el que te raspa siempre".  
 [**Então** o homem a diz: "Eu sou aquele que sempre te arranha".]  
*Qahatsfewjeyeejpa'aj*  
**Entonces** ya se casan.  
 [**Então** logo se casam.]



Nos textos anteriores, os conectores discursivos têm uma função diferente dos conectores interclausais, com os quais compartilham a mesma forma fonológica (Tb:*qaq*, MK:*qa*)<sup>11</sup>. A diferença é que, no discurso, elas não são referenciais e sua tradução como meras conjunções não apenas produz textos monótonos e repetitivos, mas também deixa de fora significados culturalmente relevantes. Portanto, longe de ser um mero “capricho estético” da oralidade, a repetição de conectores discursivos no início da linha têm múltiplas funções. Em termos prosódicos, eles são responsáveis por marcar os limites entre as linhas (junto com a longa pausa no final) e sua função é manter a continuidade referencial e temporal do relato. Funcionam, ao mesmo tempo, como índices de gênero, uma vez que podem ser usados pelo narrador com propósitos estéticos para manipular as expectativas do público; isto é, como marcadores metacomunicativos que fornecem o quadro de referência para o tipo de gênero que está sendo executado. (BAUMAN, 1984 [1977]; GUMPERZ, 1990). Finalmente, a repetição dos conectores discursivos constitui, nos termos de Urban (1991, p. 97), um recurso de replicação cultural. Segundo esse autor, o processo de replicação discursiva é um signo metacultural, ou seja, um recurso da memória coletiva que permite reinserir repetidamente os eventos que ocorreram no passado remoto e que são reincidentes no discurso atual. Assim, através desse recurso, o narrador instila no público um senso de tradição e continuidade cultural sem ter que formulá-lo explicitamente.

## 6 Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi mostrar alguns recursos da gramática e arte verbal das línguas Toba e Maká que constituem desafios para o tradutor. A peculiaridade dessas características é que, por um lado, são gramaticalmente incomuns e tipologicamente distantes das línguas mais conhecidas, como por exemplo, as europeias. Por outro lado, as línguas Toba e Maká são - em grande parte - não referenciais. Portanto, uma tradução focada em uma perspectiva uniforme de signos linguísticos omitiria significados culturais sutis e relevantes. No caso de marcadores de posse alienáveis, sua natureza puramente funcional implica uma relação direta entre a linguagem

---

<sup>11</sup> Por exemplo, em Toba: *so yale qaq aso'alo* “o homem e a mulher”; em Maká: *Na' jukhew qa ne' efu* “o homem e a mulher”.

e o contexto sociocultural. Algo semelhante acontece com a evidencialidade vinculada ao contexto social e cultural dos falantes das línguas Toba e Maká.

Assim, algumas reflexões sobre a dificuldade de traduzir essas formas linguísticas surgem, antes de tudo, da noção de linguagem implícita na prática verbal e do tipo de unidades nas quais baseamos a análise e a tradução dos dados. Trata-se de um modelo que concebe a linguagem como um sistema abstrato de unidades segmentáveis na superfície, com foco na função referencial da linguagem e com pouca ou nenhuma participação no contexto (SILVERSTEIN, 1972; BRIGGS, 1988). Pelo contrário, unidades como evidências, repetições, entonação, etc. ou a preferência por certas estruturas lexicais e sintáticas que organizam o discurso nas sociedades de tradição oral, não são facilmente acessíveis no nível da consciência e, conseqüentemente, difíceis de localizar em gramáticas e dicionários.

Portanto, de que maneira podemos abordar a tradução de línguas indígenas sem deixar de lado a consciência de seus falantes sobre sua língua e seus próprios modos de falar?

É um compromisso, tanto para o linguista quanto para o tradutor, tentar acessar o conhecimento dos falantes de maneira abrangente e colaborativa, sem forçar as informações por meio de técnicas baseadas em nossos próprios conceitos sobre linguagem e comunicação. A perspectiva de uma tradução intercultural (não apenas interlinguística) confere um novo significado à documentação dos gêneros orais, que, longe de constituírem textos fixos, são produções estéticas e culturais da arte verbal dos povos indígenas.

Finalmente, o que realmente se perde quando uma língua de tradição oral desaparece? Desta forma, que perspectiva da tradução pode contribuir para sua transmissão e ensino em contextos multilíngues e multiculturais?

Os exemplos analisados nas seções 5.1 e 5.2 mostram que a arte verbal de Gran Chaco tem sua própria organização e que essa organização não é aleatória e nem está sujeita aos caprichos do falante.

A estrutura prosódica do conselho de Toba e a repetição de conectores na narrativa de Toba e Maká mostram que os falantes possuem uma ampla consciência pragmática e metapragmática de suas práticas comunicativas que lhes permitem reproduzir e transmitir aspectos culturais em modos específicos de fala, que podem ser adquiridas por crianças, mesmo quando perdem a língua nativa e o espanhol passa a ser a primeira língua. Embora para esses falantes a competência gramatical nas línguas maternas seja fraca, serão capazes de identificar e entender as regras de interação codificadas nos gêneros e modos de fala de sua comunidade

(HYMES, 1972). Como linguistas e tradutores, devemos compreender que não apenas os códigos de idiomas são importantes em contextos de línguas ameaçadas, mas também, as maneiras pelas quais esses códigos são usados e transmitidos. Nos termos de Woodbury (2003), esses modos de fala estão intimamente relacionados à literatura, intelectualidade e arte como expressões da criatividade humana.

## Referências

- BAUMAN, Richard. *Verbal Art as Performance*. Illions: Waveland Press, 1984 [1977].
- BELAIEFF, Juan. El Maccá. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 4.6. 1940. p. 1-111.
- BELAIEFF, Juan. El vocabulario Maccá. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 3.2. 1931. p. 53-67.
- BRAUNSTEIN, José; GERZENSTEIN, Ana. The bird man: a maka text. *NAOS* 5.1-3. 1989. p. 28-35.
- BRAUNSTEIN, José. Aquellos ojos espantosos: un mito Maká. *Estudios en lingüística y antropología. Homenaje a Ana Gerzenstein*. In: MESSINEO, Cristina, MALVESTITTI, Marisa;
- BEIN, Roberto (Ed.). Buenos Aires: Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 157-166.
- BEIN, Roberto. *El problema de la significación de la cultura material de los indios Maká*. Tesis. Universidad de Buenos Aires, 1981.
- BRIGGS, Charles. *Competence in performance. The creativity of tradition in Mexicano Verbal Art*. Philadelphia: University of Pensilvannia Press, 1988.
- FOLEY, William. Genre, register and documentation. In: AUSTIN, Peter (Ed.). *Language Documentation and Description*. London: The Hans Rausing Endangered Languages Proyect, 2003. v. 1. p. 85-98.
- GERZENSTEIN, Ana. *Diccionario Etnolingüístico Maká-Español (DELME)*. Buenos Aires: Instituto de Lingüística, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad os Aires, 1999.
- GUMPERZ, John. Contextualization and Understanding. In: DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles (Ed.). *Rethinking Context*. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 229-252.
- HIMMELMANN, Nikolaus. Documentary and descriptive linguistics. *Linguistics* 36. 1998. p. 191-195.
- HYMES, Dell. "In Vain I Try to Tell You". *Essays in Native American Ethnopoetics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.



- BEIN, Roberto. Models of the Interaction of Language and Social Life. In: GUMPERZ, John J.; HYMES, Dell (Ed.). *Directions in Sociolinguistics*. New York: Basil Blackwell, 1972. p. 35-71.
- HYMES, Dell. Particle, pause and pattern in American Indian narrative verse. *American Indian Culture and Research Journal* 4.4. 1980. p. 7-51.
- MESSINEO, Cristina; GERZENSTEIN Ana. La posesión en dos lenguas indígenas del Gran Chaco: Toba (guaycurú) y Maká (mataguayo). *LIAMES*, 7. 2007. p. 61-79.
- MESSINEO, Cristina; GERZENSTEIN Ana. “Estructura retórica, recursos lingüísticos y función social del nqataGak (consejo Toba)”. *Revista Signos. Estudios de Lingüística*, 42:70 (2009), p. 197- 218.
- MESSINEO, Cristina; GERZENSTEIN Ana. Toba Discourse as Verbal Art. *Anthropological Linguistics*, 46.4. 2004. p. 216-238.
- SCHMIDT, Max. Vocabulario de la lengua Maká. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*, 4.2. 1937. p. 68-85.
- SHERZER, Joel. Poetic Structuring of Kuna Discourse: the Line. *Language in Society*, 11 1982. p. 371-390.
- SILVERSTEIN, Michael. Shifters, Linguistic Categories, And Cultural Description. In: BASSO, Keith; SELBY, Henry (Ed.). *Meaning In Anthropology*. Albuquerque: University Of New Mexico Press, 1976. p. 11-55.
- SPEAS, Peggy. Evidentials as Generalized Functional Heads. In: DI SCIULLO, Anna Maria; HILL, Virginia (Ed.). *Edges, Heads, and Projections: Interface properties*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010. p. 127-150.
- TACCONI, Temis. *Procesos de formación de palabras en Maká (mataguayo)*. Tese. Universidad de Buenos Aires, 2015.
- TEDLOCK, Dennis. *The spoken Word and the Work of Interpretation*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1983.
- URBAN, Greg. *A Discourse-Centered Approach to Culture. Native South American Myths and Rituals*. Austin: University of Texas Press, 1991.
- WOODBURY, Anthony. Defining documentary linguistics. In: AUSTIN, Peter (Ed.). *Papers in Language Documentation and Description*. London: School of Oriental and African Studies, 2003.
- WOODBURY, Anthony. Prosodic elements and prosodic structures in natural discourse. In: MARK, Liberman; MCLEMORE, Cynthia (eds). *Proceedings of the IRCS Workshop on Prosody in Natural Speech*. Philadelphia: Institute for Research in Cognitive Science, University of Pennsylvania, 1992. p. 241-253.

WOODBURY, Anthony. The Functions of Rhetorical Structure: A Study of Central Alaskan Yupik Discourse. *Language in Society*, 14. 1985. p. 153-190.

WRIGHT, Pablo. NqataGako (advice). A Toba Oral Genre. *90° Meeting of the American Anthropological Association*. Chicago, 1990.

